

INDÚSTRIA DE BEBIDAS NÃO ALCOÓLICAS

Fernando Luiz E. Viana

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção, Doutor em Administração
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

Resumo: Com o advento da pandemia da Covid-19 em 2020, e sua continuidade no início de 2021, tem havido forte impacto no consumo de bebidas não alcoólicas em todo o mundo, o que se refletiu na queda das vendas em 2020. Além das consequências de curto prazo para as vendas, a pandemia pode trazer mudanças importantes no comportamento do consumidor no médio e longo prazo. Essas mudanças provavelmente envolverão maior consumo de bebidas em casa e a consolidação da adoção do comércio eletrônico como canal de compra e venda. Em termos de dinâmica do mercado brasileiro, a crise provocada pela pandemia da Covid-19 levou a uma queda de apenas 0,6% nas vendas de bebidas não alcoólicas, com impacto mais significativo nas vendas em bares e restaurantes, cuja participação nas vendas totais é pequena. O foco ao longo de 2021 continuará sendo a agilidade em termos de mix de embalagens e mix de canais de venda para as marcas principais. Com isso, os maiores *players* do setor (por exemplo, Coca Cola, Pepsi, AMBEV) estão em melhor posição para se adaptar. As tendências relacionadas ao mercado brasileiro não devem ser diferentes daquelas apresentadas para o mercado mundial, guardadas algumas características específicas do mercado nacional como, por exemplo, a persistente desigualdade de renda, que torna o consumo de itens não essenciais mais suscetível às crises econômicas (como a causada pela pandemia) para a maioria da população. Essas tendências devem ser consideradas quando da análise de pertinência e viabilidade de novos investimentos do setor de bebidas não alcoólicas no Nordeste.

Palavras-chave: Bebidas Não Alcoólicas; Covid-19; Perspectivas.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de bebidas não alcoólicas, que engloba o grupo 11.2 (fabricação de bebidas não alcoólicas) da divisão 11 (fabricação de bebidas) da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), incluindo as atividades que compõem as seguintes classes: 11.21-6 (Fabricação de **águas envasadas**) e 11.22-4 (Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas).

A indústria de bebidas constitui um importante setor da indústria de transformação. Apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. No Brasil, entre as bebidas não alcoólicas, o refrigerante tem grande destaque, tendo sido responsável por 68,1% das vendas de bebidas não alcoólicas (em volume) do País em 2020 (IBGE, 2021a), embora essa participação dos refrigerantes venha caindo ao longo dos últimos anos.

Em termos mundiais, a indústria de bebidas não alcoólicas também tem importância significativa em diferentes países. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo. No contexto mundial, o Brasil constituiu o 7º maior mercado de bebidas não alcoólicas em 2020.

Com o advento da pandemia da Covid-19 em 2020, e sua continuidade no início de 2021, tem havido forte impacto no consumo de bebidas não alcoólicas em todo o mundo, o que se refletiu na queda das vendas em 2020. Entretanto, além das consequências de curto prazo para as vendas, a pandemia pode trazer mudanças importantes no comportamento do consumidor no médio e longo prazo, entre as quais se destacam o maior consumo de bebidas em casa e maior uso do comércio eletrônico como canal de compra e venda.

Apesar das pressões que têm sofrido por conta das mudanças do padrão de consumo, as grandes multinacionais do setor têm se mantido como empresas líderes de vendas no mercado global de bebidas não alcoólicas. Tal predominância também existe no mercado brasileiro, entretanto, algumas empresas nacionais com atuação mais restrita a alguns mercados regionais têm conseguido algum destaque.

Várias empresas multinacionais que se destacam no setor possuem plantas industriais de produção de bebidas alcoólicas e não alcoólicas no Brasil, inclusive no Nordeste. Algumas dessas empresas entraram no mercado brasileiro através de fusões, aquisições e alianças estratégicas com parceiros nacionais, ou até mesmo apenas por meio do licenciamento de marcas. Entre as empresas principais do setor que possuem importantes bases de produção no Nordeste, destacam-se a Coca Cola (por meio da Solar BR), AB Inbev (AMBEV), Heineken, Pepsi e Grupo Danone. Já entre as empresas nacionais que dominam o mercado brasileiro de bebidas não alcoólicas, destaca-se o Grupo Edson Queiroz, de origem cearense, e que atua fortemente no segmento de águas engarrafadas, embora também com atuação em outros segmentos (por exemplo, refrigerantes, energéticos). No segmento de águas a empresa destaca-se com a produção e comercialização de marcas como Minalba, Indaiá e Nestlé Pureza Vital, entre outras.

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional.

2 DESEMPENHO RECENTE

Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de bebidas não alcoólicas, considerando os grupos CNAE e os segmentos cobertos pelo presente trabalho.

2.1 Produção

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados do IBGE referentes ao período 2016-2020 mostram uma retomada do crescimento da produção da indústria de bebidas não alcoólicas a partir de 2017, após dois anos de queda, em função da crise econômica vivenciada no biênio 2015-2016 (Tabela 1). Entretanto, com o advento da pandemia da Covid-19, houve nova queda em 2020, de 0,7% em relação a 2019. A fabricação de refrigerantes correspondeu, em 2020, a 69,3% do total produzido, embora a participação de tal bebida venha caindo consistentemente nos últimos anos (era de 82,3% em 2010), o que é condizente com as mudanças de prioridades dos consumidores.

Tabela 1 – Evolução da produção (em milhares de litros) da indústria de bebidas não alcoólicas do Brasil: 2016-2020

CLASSE CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de águas envasadas	4.744.745	5.124.791	5.547.057	5.752.298	5.712.032
Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas ⁽¹⁾	14.806.358	14.971.379	14.832.076	15.380.863	15.273.197
Total	19.551.103	20.096.170	20.379.133	21.133.161	20.985.229

Fonte: IBGE (2021a, 2021b)². Elaboração do BNB/ETENE.

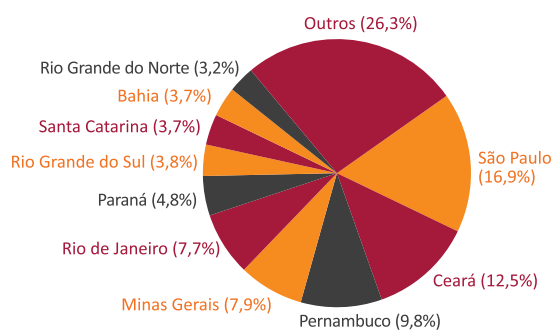
Nota:

(1) Essa classe possui duas subclasses cuja produção é mensurada em toneladas e que foram desconsideradas do total: 1122.2050 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, exceto para fins industriais e; 1122.2060 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, para fins industriais.

(2) Dados de 2016 a 2018 da PIA Produto. Dados de 2019 e 2020: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

A indústria de bebidas não alcoólicas possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. Apesar dessa distribuição, que se reflete na presença de unidades produtivas em todos os estados brasileiros, percebe-se que, em nível regional (grandes regiões), há uma concentração da produção nos estados mais populosos (Gráfico 1). A partir das plantas industriais localizadas nesses estados, há uma distribuição dos produtos para os demais estados da mesma região.

Gráfico 1 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas não alcoólicas em 2019



Fonte: RAIS (2019). Elaboração do BNB/ETENE.

A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de es-

tabelecimentos da indústria de bebidas não alcoólicas é o Pará. O Rio Grande do Norte (16º estado mais populoso) faz parte da lista, o que contribuir para consolidar a forte representatividade do Nordeste no setor, congregando 38,6% dos estabelecimentos da indústria de bebidas não alcoólicas em nível nacional, tendo 4 entre os 10 estados com maior quantidade de estabelecimentos.

2.2 Mercado

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados do IBGE mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção. Os refrigerantes também se destacam como principais produtos vendidos, com 68,1% de participação em 2020 (pico de 83,7% em 2010).

Tabela 2 – Evolução das vendas (em milhares de litros)¹ da indústria de bebidas não alcoólicas do Brasil: 2016-2020

CLASSE CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de águas envasadas	4.368.912	4.738.429	5.289.787	5.485.509	5.447.111
Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas ⁽¹⁾	13.854.411	13.503.917	13.719.355	14.226.971	14.127.382
Total	18.223.323	18.242.346	19.009.142	19.712.480	19.574.493

Fonte: IBGE (2021a, 2021b)². Elaboração do BNB/ETENE.

Nota: (1) Essa classe possui duas subclasses cuja produção é mensurada em toneladas e que foram desconsideradas do total: 1122.2050 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, exceto para fins industriais e; 1122.2060 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, para fins industriais.

(2) Dados de 2016 a 2018 da PIA Produto. Dados de 2019 e 2020: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

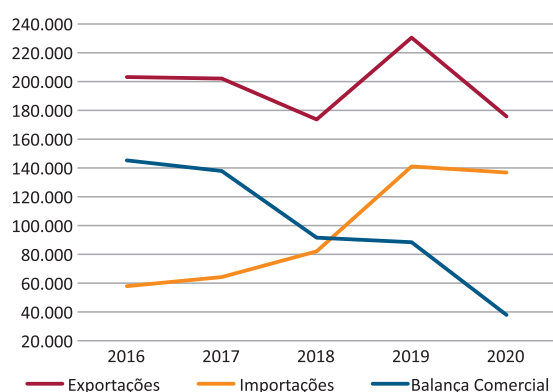
É importante salientar que no período analisado (2016-2020), as águas envasadas tiveram forte crescimento das vendas no Brasil (24,7%), enquanto a venda de refrigerantes cresceu apenas 2,0%. Isso sinaliza a consolidação da relevância desse tipo de bebida no mercado brasileiro, o que, por sua vez, explica o destaque do Grupo Edson Queiroz entre os líderes do mercado nacional. Vale ressaltar que os dados do IBGE apresentados anteriormente contemplam apenas a produção e as vendas de unidades produtivas localizadas no Brasil, ou seja, as quantidades de bebidas não alcoólicas produzidas e vendidas pela indústria brasileira, não considerando os fluxos de importação, exportação e o consumo de eventuais estoques.

Em termos de dinâmica do mercado brasileiro, a crise provocada pela pandemia da Covid-19 trouxe impacto relativamente baixo nas vendas das bebidas não alcoólicas, com queda de 0,7% das vendas em volume. Entretanto, por conta das diferentes amplitudes dos impactos nos diferentes canais de vendas (maior impacto das vendas em bares e restaurantes), esse impacto também foi variado nas categorias de bebidas. Refrigerantes e sucos, por exemplo, tiveram menor queda nas vendas do que as águas engarrafadas.

Adicionalmente, desde o início da pandemia da Covid-19, as medidas de isolamento social e o medo de contrair o vírus tornaram muitos brasileiros mais inclinados a comprar em lojas localizadas perto de suas casas. Em geral, essa situação favoreceu as marcas de bebidas mais populares dos principais fabricantes, uma vez que as difíceis condições de comercialização levaram as pequenas mercearias e lojas de conveniência independentes a priorizar produtos com maior potencial de vendas, como, por exemplo, a Coca-Cola e a AMBEV.

Com relação ao comércio exterior, os valores envolvidos para as bebidas alcoólicas são relativamente baixos. As exportações em 2020 totalizaram US\$ 175 milhões, enquanto as importações somaram US\$ 136 milhões. Enquanto as exportações têm mostrado trajetória de queda nos últimos anos (embora com recuperação em 2019), as importações têm crescido (exceto em 2020), o que tem levado à diminuição do superávit da balança comercial do setor (Gráfico 2). 2020 pode ser considerado um ano atípico para qualquer análise de tendência, devido aos impactos da Covid-19, que devem perdurar em 2021, pois os dados dos três primeiros meses (janeiro a março) mostram a tendência de uma nova diminuição das exportações (queda de 3,6% em relação ao 1º trimestre de 2020) e das importações (queda de 13,7% em relação ao 1º trimestre de 2020).

Gráfico 2 – Balança comercial da indústria brasileira de bebidas não alcoólicas no período 2016-2020 (US\$ Mil FOB)



Fonte: FUNCEXDATA (2021). Elaboração do BNB/ETENE.

2.3 Emprego e Capacidade Instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou três anos de recuperação, embora em níveis baixos de crescimento do PIB: 1,3% em 2017, 1,3% em 2018 e 1,1% em 2019. Em 2020, entretanto, a pandemia da Covid-19 teve forte impacto no desempenho da economia brasileira e da taxa de desemprego, que já estava elevada, o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral. A queda no PIB brasileiro em 2020 foi de 4,1%, e a taxa média anual de desemprego foi de 13,5%, a maior desde o início da série histórica, em 2012.

Na indústria de bebidas não alcoólicas do Brasil, os números relativos ao emprego mostram uma queda importante entre 2016 e 2018, com leve sinalização de retomada do crescimento nos anos seguintes (Tabela 5), totalizando um decréscimo de 6,0% no Brasil no período 2016-2020. Já no Nordeste, a recuperação nos últimos dois anos foi suficiente para estabelecer um leve crescimento de 2,3% do emprego no mesmo período. Em 2019, o setor concentrava 1,0% dos empregos da indústria

de transformação do Brasil e 2,2% dos empregos da indústria de transformação do Nordeste. Logo, a indústria de bebidas não alcoólicas tem maior importância para a geração de empregos no Nordeste do que no Brasil.

Tabela 5 – Evolução do emprego na indústria de bebidas não alcoólicas no período 2016-2020¹: Brasil, Nordeste e UF

Estado	2016	2017	2018	2019	2020
Acre	448	340	316	331	361
Alagoas	1.684	1.583	1.600	1.649	1.603
Amapá	235	229	221	224	229
Amazonas	2.298	2.741	2.554	2.555	2.561
Bahia	3.869	3.479	3.642	3.887	3.910
Ceará	4.875	4.644	4.802	4.878	4.822
Distrito Federal	2.026	1.814	1.875	1.978	1.957
Espírito Santo	761	833	741	767	773
Goiás	3.518	3.649	3.466	3.620	3.767
Maranhão	1.630	1.531	1.694	1.715	1.778
Mato Grosso	1.527	1.501	1.835	1.941	2.064
Mato Grosso do Sul	973	892	945	998	1.033
Minas Gerais	5.261	4.717	4.563	4.664	4.784
Pará	2.054	1.918	1.904	1.831	1.941
Paraíba	1.270	1.229	1.323	1.287	1.191
Paraná	3.310	3.015	2.993	3.049	2.836
Pernambuco	2.862	3.109	3.062	3.263	3.595
Piauí	1.100	977	912	940	781
Rio de Janeiro	7.377	6.947	6.752	6.691	6.785
Rio Grande do Norte	1.751	1.723	1.701	1.779	1.793
Rio Grande do Sul	5.053	3.507	2.963	2.910	2.563
Rondônia	1.222	1.096	991	948	946
Roraima	122	117	127	125	146
Santa Catarina	1.766	1.942	1.860	1.939	2.006
São Paulo	13.529	12.028	12.180	12.246	12.002
Sergipe	448	452	449	432	460
Tocantins	94	87	111	105	104
Região Nordeste	19.489	18.727	19.185	19.830	19.933
Brasil	71.063	66.100	65.582	66.752	66.791

Fonte: RAIS (2021) e CAGED (2021). Elaboração do BNB/ ETENE.

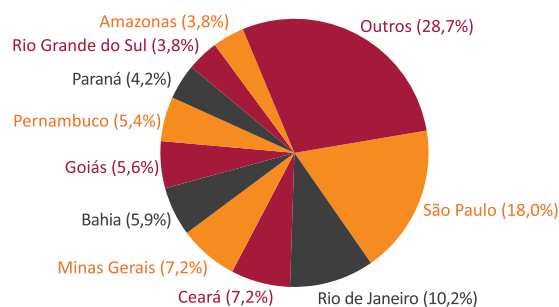
Notas: (1) Dados de 2020 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

Em termos de distribuição geográfica dos empregos, percebe-se uma lógica semelhante àquela da distribuição das empresas (ver seção 2.1), com concentração nos estados mais populosos (Gráfico 3).

No caso dos empregos, os estados que não estão entre os 10 mais populosos e que fazem parte dos 10 que mais empregam no setor são Goiás (12º mais populoso) e Amazonas (13º mais populoso). O primeiro possui uma localização importante para a distribuição de bebidas na região

centro-oeste. Já o segundo concentra a produção de guaraná no Brasil, insumo essencial para a produção de uma das bebidas não alcoólicas mais consumidas no País.

Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de bebidas não alcoólicas brasileira em 2020

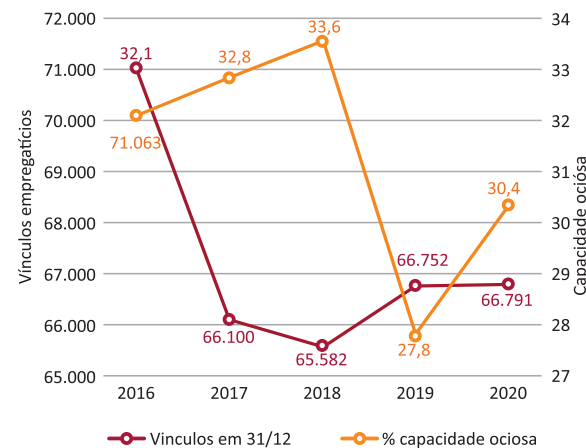


Fonte: RAIS (2021) e CAGED (2021). Elaboração do BNB/ ETENE.

Notas: (1) Dados de 2020 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

A capacidade ociosa do setor de bebidas (incluindo bebidas alcoólicas e não alcoólicas) tem sido compatível com a trajetória dos vínculos empregatícios, havendo melhoria (queda da capacidade ociosa) em 2019, quando atingiu o mínimo de 27,8% no período, condizente com o aumento dos vínculos empregatícios, conforme pode ser observado no Gráfico 4. Entretanto, a capacidade ociosa voltou a crescer em 2020, mesmo com o leve aumento do total de vínculos empregatícios.

Gráfico 4 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa¹ da indústria brasileira de bebidas não alcoólicas: 2016 a 2020



Fonte: RAIS (2021) e CNI (2021). Elaboração do BNB/ETENE.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera toda a indústria de bebidas, inclusive de bebidas não alcoólicas.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 66,4% a 72,2%, está abaixo da média da indústria de transformação, em um patamar que indica que a indústria de bebidas tem operado com sobrecapacidade ao longo dos últimos anos, o que pode ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente nos segmentos mais tradicionais. Possíveis investimentos devem ser direcionados para adaptações relacionadas a mudanças no mix de produtos, visando às adaptações necessárias para o alinhamento às novas tendências do consumo.

3 PERSPECTIVAS

A pandemia da Covid-19 trouxe impactos relevantes sobre o comportamento do consumidor de bebidas não alcoólicas e, conseqüentemente, nas vendas e nas perspectivas futuras para o setor. As mudanças no comportamento do consumidor significaram mais ocasiões diárias de consumo de bebidas em casa, mais foco nos ingredientes de suporte imunológico e uma rápida aceleração na adoção do comércio eletrônico como canal de vendas.

O colapso do consumo de bebidas “in loco” (bares e restaurantes) em 2020 tem forçado os produtores e engarrafadores de bebidas não alcoólicas a enfrentar as margens menores de suas marcas, já que a grande maioria do volume em 2020-2021 surge no canal do varejo, na forma de embalagens para consumo futuro e embalagens múltiplas, ambos os formatos tipicamente associados a margens mais baixas por SKU.

As tendências para o mercado mundial a partir do advento da pandemia do COVID-19 podem ser resumidas em dois aspectos principais: (a) ajustes no mix de embalagens, para atender ao novo padrão da demanda que inclui um aumento do consumo em domicílio; (b) novas prioridades de saúde, levando à necessidade de as empresas ajustarem o mix de produtos para atender a essas prioridades, que resultam no aumento da demanda por bebidas mais “saudáveis” (menor teor de açúcar, maior suporte imunológico).

O mercado brasileiro, que ensaiou uma recuperação a partir de 2018, após 2 anos de quedas sucessivas no consumo, sofreu uma queda de 0,6% nas vendas em 2020 (em volume), como consequência da pandemia da Covid-19. Entretanto, a partir de 2021 deverá iniciar uma retomada do crescimento, mas com taxas abaixo da média mundial, com destaque para o crescimento consistente das águas engarrafadas e dos sucos, confirmando a tendência de esses segmentos se tornarem um foco importante dos hábitos de compras dos consumidores. De acordo com as previsões da EMIS (2021), o crescimento médio anual das vendas (CAGR) de bebidas não alcoólicas no Brasil deverá ser de 1,2% no período 2021-2025.

As tendências relacionadas ao mercado brasileiro não devem ser diferentes daquelas apresentadas para o mercado mundial, guardadas algumas características específicas do mercado nacional como, por exemplo, a persistente desigualdade de renda, que torna o consumo de itens não essenciais mais suscetível às crises econômicas (como a causada pela pandemia) para a maioria da população. Essas tendências devem ser consideradas quando da análise de pertinência e viabilidade de novos investimentos do setor de bebidas não alcoólicas no Nordeste.

Considerando-se o exposto, entende-se que eventuais financiamentos devem estar relacionados a projetos que envolvam a adaptação das empresas às novas necessidades em termos de mix e embalagens, bem como o aproveitamento de nichos específicos de mercado. Outra possibilidade é o financiamento à modernização de processos produtivos, especialmente aquelas que impliquem a racionalização do consumo de insumos, tais como água e energia.

REFERÊNCIAS

CAGED – CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS. Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged> Acesso em 28 Abr. 2021.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Indicadores industriais**. Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 16 Mar. 2021.

EMIS. **Brazil Food and Beverage Sector 2021/2022**. Disponível em <https://www.emis.com> Acesso em 30 Mar. 2021.

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 14 Abr. 2021 (Acesso Restrito).

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5807> Acesso em 13 Abr. 2021a.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650> Acesso em 09 Mar. 2021b.

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 13Abr. 2021.

TODAS AS EDIÇÕES DO CADERNO SETORIAL DISPONÍVEIS EM:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

EDIÇÕES RECENTES

AGROPECUÁRIA

- Fruticultura - 06/2021
- Frango - 06/2021
- Algodão - 05/2021
- Açúcar - 05/2021
- Carne bovina - 04/2021
- Arroz: produção e mercado - 03/2021
- Silvicultura - 02/2021
- Cacau - 01/2021
- Pescado - 01/2021
- Própolis no Nordeste - 01/2021
- Trigo - 01/2021
- Pimenta-do-reino - 12/2020
- Feijão - 12/2020
- Milho - 11/2020
- Produção de café - 11/2020
- Bovinocultura leiteira - 10/2020
- Fruticultura - 10/2020
- Frango - 09/2020
- Complexo soja - 09/2020
- Cana-de-açúcar - 09/2020
- Mandioca e seus derivados - 09/2020
- Carne Suína - 08/2020
- Etanol de milho - 08/2020
- Produção e mercado de açúcar - 08/2020
- Produção e mercado de Etanol - 07/2020

INDÚSTRIA

- Couro e calçados - 12/2020
- Construção civil - 12/2020
- Setor Têxtil - 11/2020
- Indústria petroquímica - 11/2020
- Indústria siderúrgica - 09/2020
- Bebidas não Alcoólicas - 07/2020
- Vestuário - 06/2020
- Bebidas Alcoólicas 06/2020
- Indústria de Alimentos - 05/2020

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Telecomunicações - 05/2021
- Micro e minigeração distribuída - 02/2021
- Petróleo e gás - 12/2020
- Logística de armazenagem - 10/2020
- Energia Solar - 03/2020

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Eventos - 06/2021
- Saúde - 05/2021
- Shopping centers - 01/2021
- Comércio atacadista - 11/2020
- Comércio varejista - 09/2020
- Telecomunicações - 08/2020
- Turismo - 08/2020
- Comércio Varejista - 07/2020
- Comércio Varejista - 07/2020

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>